ELEIÇÃO

Com jantar na casa do ex-senador Eunício Oliveira, caciques do MDB iniciam a manobra para inviabilizar a candidatura de Simone Tebet e apoiar o ex-presidente no primeiro turno. Renan Calheiros afirma, porém, que encontro é "suprapartidário"

Apetite de Lula põe obstáculos à 3ª Via

» LUIZ CARLOS AZEDO

Waldemir Barreto/Agência Senado

Encontro com Lula resulta de uma articulação dos senadores Randolfe Rodrigues (E) e Renan Calheiros: conversas afetam diretamente os planos de Tebet

O cardápio principal do jantar marcado para hoje na casa do ex-senador Eunício Oliveira (MDB-CE), cujo convidado de honra é o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, é a candidatura da senadora Simone Tebet (MDB-MS), cotada como uma das alternativas para unificação da chamada terceira via. Organizado pelo senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), um dos coordenadores da campanha de Lula, e pelo senador Renan Calheiros (MDB-AL), velho aliado de Lula, o encontro terá a participação de parlamentares de diferentes partidos. Entretanto, o fato mais relevante será o apoio da maioria da bancada do MDB no Senado ao petista.

Ao **Correio**, Randolfe explicou que o encontro na casa de Eunicio foi marcado por sugestão de Gleisi Hoffman, presidente do PT, numa conversa de ambos com o Renan. "Decidimos convidar todos os senadores que já apoiam Lula, independentemente de partido. Não é uma reunião do MDB", desconversou.

Já confirmaram presença os senadores Dário Berger (SC), Eduardo Braga (AM), Jader Barbalho (PA), Marcelo Castro (PI), Nilda Godim (PB) e Vital do Rego (PB). Giordano (SP) e Rose de Freitas (ES) são incógnitas. Jarbas Vasconcelos (PE) não irá devido à saúde. Fernando Bezerra, ex-líder do governo Bolsonaro no Senado, manterá distância regulamentar. Confúcio Moura (RO), aliado do presidente Jair Bolsonaro, não comparecerá. Velhas raposas políticas da legenda, como Romero Jucá e o ex-presidente José Sarney, estarão presentes.

"Não é um encontro de dissidentes, o jantar é suprapartidário", garante Renan Calheiros, cujo apoio ao ex-presidente Lula já no primeiro turno é notório. A ideia é levar para o encontro senadores propensos a apoiar Lula já no primeiro turno, entre os quais Otto Alencar (PSD-BA), Katia Abreu (PP) e Flávio Arns (Podemos). A bancada do PT completaria o quorum: Fabiano Comparato (ES), Humberto Ciosta (PE), Jaques Wagner (BA), Jean Paul Prates (RN), Paulo Paim (RS), Paulo Rocha (PA) e Rogério Carvalho (SE).

Lula se movimenta de forma contraditória em relação ao centro político. Nas últimas semanas, defendeu bandeiras que confrontou com os setores mais conservadores e liberais, uma agenda econômica, social e de costumes claramente posicionada à esquerda. Ao mesmo tempo, faz alianças ao centro, ao escolher o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB) para vice, e promover esse encontro com velhos parceiros políticos de seu governo. Além disso, demonstra preocupação com a futura composição do Senado, onde enfrentou forte oposição no primeiro mandato. As candidaturas ao Senado são uma chave dos palanques regionais.

Ajuste de contas

O encontro ocorre uma semana depois da reunião entre os presidentes do MDB, Baleia Rossi; do União Brasil, Luciano Bivar; do PSDB, Bruno Araujo; e do Cidadania, Roberto Freire, que estabeleceu a data de 18 de maio para definir uma candidatura unificada do grupo. Em tese, a disputa fratricida entre o ex-governador paulista João Doria, escolhido nas prévias do PSDB, e o ex-governador gaúcho Eduardo Leite, que não desistiu da candidatura, favoreceria a candidatura de Tebet, como uma espécie de "tertius". Esse vem sendo o objetivo de Baleia Rossi, com apoio do ex-presidente Michel Temer.

Por mais que conte com o apoio do partido, Tebet sairá fragilizada do encontro de Lula com os caciques do MDB. A senadora nunca contou com o pleno apoio da maioria da bancada, mas a sua pré-candidatura foi pactuada e, por isso, nunca houve nenhum gesto ostensivo contra suas articulações. A situação, porém, mudou. "Sempre defendi o apoio ao Lula no primeiro turno, mas isso não impede que Simone Tebet tente viabilizar seu nome eleitoralmente. Tudo dependerá das pesquisas. A candidatura de Henrique Meirelles, em 2018, não ajudou o partido, nossas bancadas no Senado e na Câmara diminuíram. Temos projetos de poder regionais que precisam ser levados em conta", argumenta Renan.

A candidatura de Simone Tebet tem o aval do ex-presidente Michel Temer, que sempre foi um conciliador, mas queimou os navios com Lula no impeachment de Dilma Rousseff. Qualquer aproximação entre ambos dependeria da iniciativa do petista, o que não ocorreu até agora. Ao contrário, o movimento de Lula divide o MDB e pode inviabilizar ainda mais a terceira via.

Aliados de Temer, que defenderam sua aproximação com o petista em 2010, mas articularam impeachment de Dilma, avaliam que Lula deveria fazer um gesto em relação ao ex-presidente da República. Seria uma demonstração não faria um governo de ajuste de contas, caso venha a ser eleito.

Polarização cada vez mais provável

» RAPHAEL FELICE

Todas as pesquisas eleitorais de intenção de votos à presidência da República apontam Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Messias Bolsonaro (PL) no segundo turno. Analistas evitam decretar uma decisão entre os rivais, mas avaliam que o cenário dificilmente sofrerá grandes alterações.

Desde a redemocratização, as eleições adquirem um formato triangular, no qual três candidatos alcançaram dois dígitos na disputa eleitoral. Em 2018, Jair Bolsonaro (46,03%), Fernando Haddad (29,28%), Ciro Gomes (12,47%) anotaram essa performance de votos.

Com a polarização, as eleições deste ano caminham para um desenho bipolar, com os dois líderes nas pesquisas muito à frente dos candidatos do centro. "Os números sugerem uma razoável consistência na preferência pelos dois primeiros nomes, mas todas essas observações não podem ser concluídas com a ideia de que o quadro é definitivo e inalterável" pondera Antonio Lavareda, presidente do Conselho Científico do Ipespe e diretor-presidente da MCI-Estratégia. "A seis meses da eleição, qualquer raciocínio que conduza a uma contestação de que o cenário é inalterável soa precipitado e enviesado", considera.

Na avaliação do professor Valdir Pucci, por mais que Lula e Bolsonaro predominem na disputa, ainda é cedo para descartar outra possibilidade. Ele recorda candidatos com baixos índices de intenção que, na reta final, venceram a corrida eleitoral. Cita, por exemplo, o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB). Mas, caso isso ocorra, será durante o período de campanha.

"Lula e Bolsonaro são os principais nomes da eleição até o momento, mas dizer que já está consolidado, que ambos estão no segundo turno é muito precipitado. Agora, a terceira via, na minha opinião, está perdendo seu timing. Enquanto Lula e Bolsonaro falam sozinhos para a população, a terceira via faz um diálogo para dentro, tentando achar um nome de consenso", considerou.

Situação econômica

Entre os políticos, há ressalvas sobre a quebra da polarização. Crítico de Jair Bolsonaro, o vice-presidente da Câmara, Marcelo Ramos (PSD-AM), avalia que um cenário diferente no segundo turno como "muito difícil", mas caso ocorra, o presidente é quem tem mais chances de sair da disputa.

"Acho muito difícil uma mudança de cenário que viabilize uma terceira via. A única possibilidade de isso acontecer é uma piora cada vez maior da situação econômica e social a ponto de um candidato de direita mais moderado parecer viável. Mas não acho que isso esteja no horizonte de hoje", considerou.

O deputado Fausto Pinato (PP-SP) é crítico mordaz de Lula e Bolsonaro. De acordo com o parlamentar, a população quer fugir da polarização, mas para isso é preciso que a terceira via se estruture.

"Se escolher uma terceira via que tenha um projeto Brasil linear, com credibilidade, com tempo de TV e encorpamento político e partidos que possam ter capilaridade para manter campanha do norte ao sul e este político escolhido for preparado e tenha um projeto de Brasil, ele pode conseguir tirar um dos dois", disse.

"Parte da população tem medo do PT votar por sua política demagoga e sua inversão de, muitas vezes, bandido ter mais valor que a vítima. O governo Bolsonaro, por sua vez, é um desastre, que ficou refém de um grupo do Centrão e é totalmente sem preparo na parte econômica", criticou Pinato.

O líder do PT na Câmara, Reginaldo Lopes (PT-MG), afirma que a eleição terá um formato de plebiscito e que pode ser definida ainda no primeiro turno. Sobre a terceira via, o deputado entende que ela pode "desaparecer". "Essa será uma eleição plebiscitária. É uma eleição que vai ganhar formato de plebiscito. Aqueles que avaliam que o Bolsonaro fez alguma coisa que preste, e aqueles que sentem saudade e memória do presidente Lula", conta.

> **Acho muito difícil uma mudança de cenário que viabilize uma terceira via. A única possibilidade de isso acontecer é uma piora cada vez maior da situação econômica e social."**
>
> **Marcelo Ramos (PSD-AM),** vice-presidente da Câmara dos Deputados

Aliada do presidente da República, a deputada federal Alê Silva (Republicanos-MG) crava um segundo turno entre Bolsonaro e Lula, diz que "não existe terceira via". "Não existe e nunca existirá terceira via. E digo mais, nunca foi tão fácil escolher um lado. Será o bem contra o mal", opinou.